

A DICOTOMIA RAZÃO E EMOÇÃO NA OBRA *POR QUE OS HOMENS SE CASAM COM AS MULHERES PODEROSAS?* UMA BREVE ANÁLISE DO TRATAMENTO DADO ÀS EMOÇÕES FEMININAS

Allana Mátar de Figueiredoⁱ
Marcos Daniel do Amor Divinoⁱⁱ
Tatiana Affonso Ferreiraⁱⁱⁱ

Resumo: Neste trabalho, partindo de uma análise argumentativa, buscamos abordar o tratamento das emoções femininas em obras de autoajuda destinadas a esse público. O *corpus* escolhido será o livro *Por que os homens se casam com as mulheres poderosas?*, de Sherry Argov. Em sua obra, a autora teria dado ênfase notória à questão das emoções (e ao controle destas) nas relações afetivas entre homem e mulher. Seu objetivo maior seria o de fornecer conhecimento, *know-how*, para que as mulheres consigam lidar com os relacionamentos e se coloquem em posição superior à masculina. O livro poderia ser visto como um guia para “orientar” as mulheres, sugerindo que essas adotem um comportamento dito “racional” e “controlado” para que os homens possam valorizá-las. Veremos também de que maneira essa obra de autoajuda (gênero frequentemente visto com receio pelo ambiente acadêmico) pode ser um *corpus* instigante para percebermos como as concepções cristalizadas acerca da dicotomia razão e emoção e do condenado papel da mulher – figura tipicamente “emotiva” e, por vezes, vista como “descontrolada” – aparecem e são reafirmadas nesse tipo de leitura. O que procurará se propor, neste artigo, por fim, é que razão e emoção não são parâmetros opostos e, muitos menos, excludentes, a partir da retomada de algumas perspectivas teóricas antropológicas, sociológicas (e, por que não, discursivas) que se relacionam a essa questão. Para esta análise, utilizaremos principalmente trabalhos que tocam a temática razão e emoção, de autores como Elster (1995), Plantin (2010), Lima (2006, 2007), Nussbaum (1995) e Le Breton (2009).

Palavras-chave: Emoção. Feminino. Argumentação. Autoajuda.

ⁱ Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil, sob a orientação da Profa. Dra. Helcira Maria Rodrigues de Lima. E-mail: allana.matar@gmail.com.

ⁱⁱ Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), bolsista CAPES, sob a orientação da Profa. Dra. Helcira Maria Rodrigues de Lima. E-mail: letras.br@gmail.com.

ⁱⁱⁱ Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), bolsista CAPES, sob a orientação da Profa. Dra. Helcira Maria Rodrigues de Lima. E-mail: tatianafferreirarb@gmail.com.

Abstract: In this article, through an argumentative analysis, we aim to approach the treatment of women's emotions in self-help books written for this specific group of people. The selected *corpus* is the book *Why Men Marry Bitches*, by Sherry Argov. In her work, the author would have given noticeable emphasis on the emotions issue in the affective relationships between men and women. Its highest goal would be that of providing *know-how*, so that women could deal with the relationships and place themselves in a higher position than the men's one. The book could be seen as a guide to "instruct" women, suggesting them the adoption of a behavior said to be "rational" and "controlled" so that the men could value them. We are also going to see the way this self-help work (genre frequently seen with restrictions by the academic community) can be an instigating *corpus* in order for us to notice how the crystallized conceptions about the dichotomy reason-emotion and the condemned role of the women appear and are reaffirmed in this sort of reading. What we intend to propose in this article is that reason and emotion are not opposed parameters, not even excluding, from the resumption of some anthropological, sociological and discursive theoretical perspectives that are related to this issue. For this analysis, we are going to make use mainly of works that deal with the theme reason and emotion, by authors such as Elster (1995), Plantin (2010), Lima (2006, 2007), Nussbaum (1995) and Le Breton (2009).

Keywords: Emotion. Women. Argumentation. Self-help

Introdução: o lugar discursivo das emoções e da mulher, “figura emotiva”

Desde a Retórica Aristotélica até os dias de hoje, as emoções – ou suas outras nomeações afins, como as paixões ou os afetos¹ – são tratadas, de maneira geral, como manifestações radicalmente opostas àquelas concernentes à razão. Essa dicotomia que demarca rigidamente um suposto limite entre a racionalidade e a passionalidade, tanto no senso comum quanto em considerável parte da comunidade científica por meio dos séculos, acabou por marginalizar as emoções no imaginário geral: elas passaram a ser vistas, quase sempre, como um componente negativo, que atrapalha as relações entre os indivíduos e destes consigo mesmos; elas seriam a marca patente do “descontrole” sobre si, seriam aquilo que “irrompe” de forma abrupta, sem que fosse possível raciocinar ou medir suas consequências. Ao lado disso, e de maneira mais superficial, chegou-se a defender que as emoções seriam somente a expressão externa e fisiológica das pulsões do corpo, o qual se opõe, assim, à mente, domínio da razão e do pensamento ponderado. Dessa forma, tolo seria aquele que não conseguisse controlar suas emoções, “domesticá-las” sob o jugo da racionalidade e, pior ainda: o ser emotivo passaria a distanciar-se do exercício do intelecto, da própria inteligência.

Somente a partir da década de 1990, com os estudos da Linguística – como os da Análise do Discurso – associados principalmente à Sociologia e Psicologia e à revalorização da Retórica, as emoções são efetivamente pinçadas dessa posição marginal em que se encontravam nas relações sociais e passam a ser vistas, pouco a pouco, sob novos prismas

¹ Por ora, graças à extensão deste artigo, não julgamos imprescindível distinguir esses termos. Eles serão tratados como sinônimos, ainda que tenhamos consciência das controvérsias teóricas que marcam sua distinção e sua própria definição.

que objetivam afastá-las desse olhar simplista. Ainda que esses estudos tentem reverter o “ranço” que marca o julgamento sobre as emoções, os discursos que circulam em nossa sociedade, frutos de imaginários sociodiscursivos construídos durante muitos anos, insistem em confirmar esse olhar negativo. Prova disso é a relação que se faz, socialmente, entre a figura feminina e as emoções.

Somos levados a crer, desde pequenos, que as mulheres são seres emotivos e passionais. Desde a aceitação do choro feminino infantil em oposição ao “menino não chora”, as relações sociais marcam a figura feminina, durante toda sua trajetória de vida, como aquela que é, em excesso, passional, chegando à imagem da “descontrolada” e da “histérica”. Nesse sentido, a mulher acabaria por estar em desvantagem em uma série de cenas sociais por não conseguir assumir posturas ditas “racionais”, “ponderadas”, que demonstrariam um controle intelectual da mente sobre as “pulsões” de seu corpo. Soma-se, assim, uma visão preconceituosa e pouco elaborada à outra: não somente as emoções são vistas de maneira oposta à razão, como também a própria figura feminina o é, o que seria claramente pejorativo.

Objetivando abordar de maneira mais reflexiva e analítica essa vinculação entre as emoções e o papel da mulher, e, de maneira mais específica, a dicotomia razão e emoção que é percebida nessa relação, o presente artigo² propõe-se a analisar a obra *Por que os homens se casam com as mulheres poderosas? Um guia para solteiras ou casadas deixarem os homens a seus pés*³ (seu título original é *Why men marry bitches: a woman's guide to*

² Este artigo é produto do trabalho final da disciplina de Pós-Graduação *Seminário de Tópico Variável em Análise do Discurso: Emoções, Discurso e Corpo*, ministrada pela Professora Doutora Helcira Maria Rodrigues de Lima (FALE/UFMG) no 1º semestre do ano de 2011.

³ ARGOV, Sherry. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

winning her man's heart), um recente *best seller* de autoajuda destinado ao público feminino adulto, escrito pela norte-americana Sherry Argov. Esse livro é uma segunda versão, adaptada e mais completa, da obra *Por que os homens amam as mulheres poderosas? Um guia para você deixar de ser boazinha e se tornar irresistível*⁴, da mesma autora, e pretende servir como um roteiro de comportamentos a serem seguidos pela mulher a fim de convencer seu parceiro a casar-se com ela, devido à sua postura confiante e “controlada”. Enquadrando-se em um filão literário de não-ficção que vem crescendo exponencialmente nos últimos anos – o gênero autoajuda –, a obra de Argov se assemelha a muitos títulos disponíveis no mercado e dirigidos ao público feminino, como *Deixe os homens a seus pés*, *O que toda mulher inteligente deve saber* e *Homens gostam de mulheres que gostam de si mesmas*, que se autointitulam, popularmente, “manuais de comportamento das relações homem-mulher”.

O que fez com que essa obra de Argov, *Por que os homens amam as mulheres poderosas?*, fosse escolhida como objeto de estudo deste artigo é o fato de que ela, em especial, dá ênfase notória ao tratamento das emoções (e ao controle destas) nas relações afetivas entre homem e mulher. Quase todo o livro se baseia na premissa de que os homens pensam-se como seres racionais e pensam as mulheres como indivíduos emocionais, passionais ao extremo e, por isso, descontroladas e distanciadas de raciocínios ponderados, o que focaliza exatamente o assunto sobre o qual pretendemos refletir. Além disso, seria a construção de um comportamento dito “racional” e “controlado” pela mulher que levaria o homem a valorizá-la e, finalmente, a pedi-la em casamento. A própria sinopse comercial do livro, disponível nos sites de compras pela internet, já nos sugere essa inclinação:

[...] Em *Por que os homens se casam com as mulheres poderosas?*, a autora ensina como irradiar autoconfiança para as mulheres conseguirem o amor e o respeito que merecem. Dotado de um novo capítulo com cartas de leitoras e **dicas sobre como controlar melhor as emoções**, o livro é um manifesto direto e sarcástico que mostra ao público feminino como transformar um relacionamento sem compromisso em algo realmente sério⁵ [...] (grifo nosso).

Veremos, então, de que maneira essa obra de autoajuda – gênero frequentemente visto com receio pelo ambiente acadêmico – pode ser um *corpus* rico e instigante para percebermos de que maneira o discurso de Argov reflete as concepções cristalizadas acerca da dicotomia razão e emoção e do condenado papel da mulher, figura tipicamente “emotiva” e, por vezes, vista como “descontrolada” em decorrência disso.

O que procurará se propor, neste artigo, por fim, é que razão e emoção não são parâmetros opostos e, muito menos, excludentes, a partir da retomada de algumas perspectivas teóricas antropológicas, sociológicas e não menos discursivas que se relacionam a essa questão. Nesse sentido, assumir o componente “emocional” da figura feminina não seria, em hipótese nenhuma, um demérito, pois tal postura não as distanciaria da racionalidade. Pelo contrário: as emoções seriam fatores racionais, sem sombra de dúvida. Nesse caminho, a obra sob análise pode nos ajudar não somente a mostrar as concepções dicotômicas e superficiais sobre o assunto, aceitas socialmente, como também pode endossar o ponto de vista relativizador adotado por nós, que procura romper com essas concepções.

⁵ Disponível em:

<http://www.submarino.com.br/produto/1/21829989/por+que+os+homens+se+casam+com+as+mulheres+poderosas#A1>. Acesso em: 14 jun. 2011.

⁴ Idem. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

Da exclusão das emoções à sua valorização como componente racional

Desde a Grécia antiga, a razão e a emoção são entendidas como termos que fazem oposição entre si. A possibilidade de coexistência entre elas seria inexistente, pois a emoção estaria sempre associada à falta de racionalidade, devendo, portanto, ser controlada ou mesmo eliminada. Como consequência, “esse modo dicotômico de pensar a emoção e a razão contribuiu com séculos de atraso em termos de debates sobre o assunto.” (DAMÁSIO, 1996 *apud* LIMA, 2007, p. 140).

Para abordarmos a questão das emoções e de seu controle, precisamos voltar à época clássica na Grécia, mais precisamente no tempo em que Platão e Sócrates faziam suas reflexões sobre o mundo, período que Meyer (2003, p. XVII) considera o início da reflexão sobre esse tema. Esse autor (2003, p. XX-XXI) afirma que o jogo das paixões, já em Platão, aconteceria na cisão da alma entre a razão e o que escapasse a esta. Como ilustração, ele apresenta um esquema da alma, onde haveria um cocheiro, representando a razão, e dois cavalos conduzidos por ele, cada qual exercendo força em direções opostas. Um dos cavalos estaria na posição da paixão, aquilo que fugiria da razão, e seria uma referência aos nossos instintos e desejos naturais. Em contraposição a essa força estaria o outro cavalo, que assumiria o papel do esforço, da coragem, da vontade de combater as paixões para se atingir, com o auxílio do cocheiro (a razão), a racionalidade. Ainda assim, essa força não seria verdadeiramente racional, pois seria preciso encolerizar-se contra os desejos para poder resisti-los, logo, era preciso fazer uso das forças passionais para combater a paixão. Por isso, a razão, associada à força de vontade, trabalharia em prol do conhecimento e do controle das emoções, o que era assumido pela época como algo bom. Na via oposta, “o mal é fruto da ignorância, da ausência da razão

e puro produto da paixão, cega e automática.” (MEYER, 2003, p. XXII).

Já Aristóteles, discípulo de Platão, ainda que visando controlá-las, considera a necessidade de conhecer as paixões. Após obter o domínio sobre elas, seria possível utilizá-las favoravelmente. O filósofo entende que as paixões “constituem um teclado no qual o bom orador toca para convencer.” (MEYER, 2003, p. XLI). Para ele, elas serviriam para classificar os homens. Assim, seria necessário conhecer os sentimentos para poder despertá-los no auditório, e as emoções funcionariam como uma estratégia para a persuasão.

Séculos depois, Descartes enumera em sua publicação “As paixões da alma”, de 1649, seis “paixões primitivas” e mais outras 34. Para ele, as emoções estariam radicadas no corpo, elas seriam experimentadas no cérebro, e a glândula pineal, situada no centro desse órgão, seria o ponto onde a alma se irradiaria para a carne, fazendo a ponte alma-espírito. Descartes, posteriormente, viria reconhecer “a influência da vontade para atenuar os efeitos das paixões ou para orientá-las, ou até mesmo para velá-las.” (*apud* LE BRETON, 2009, p. 182).

Em consonância com essas interpretações negativas e de repulsão das emoções, Lima (2006) destaca algumas das ideias cristalizadas ao longo da história no que tange à manifestação das emoções nos sujeitos:

[...] no domínio do senso comum, as emoções sempre estiveram relacionadas à ideia de fraqueza, à incapacidade de domínio de si em determinadas situações e, mais ainda, no que se refere à cultura brasileira, esteve sempre relacionada a uma certa “feminilização” do sujeito. Isto porque como as mulheres representariam, de acordo com algumas correntes filosóficas e para nossa sociedade conservadora, seres humanos menores e por isso mesmo mais susceptíveis a “ações irracionais”, elas seriam o lado humano ideal para a manifestação de toda espécie de emoções. Nesse sentido, apenas o

homem fraco se sujeitaria às emoções e essa fraqueza parece não estar relacionada a questões psicológicas e neurofisiológicas, mas, sobretudo, a questões sociais e culturais, a valores e crenças compartilhados por uma comunidade. O sujeito considerado emotivo está longe de ser considerado dos mais equilibrados. Assim, a ideia de que a emoção não é provada em estados de tranquilidade está presente nessas concepções do senso comum (LIMA, 2006, p. 126-127).

Em nota, a autora, que se situa dentro da cultura brasileira, entende que as ideias citadas não se restringem somente a essa cultura. Na nota seguinte, ela complementa expondo a postura de Aristóteles, que afirmava a incapacidade das mulheres e crianças em se relacionar com o mundo sem algum tipo de orientação prévia, de tutoria. Com visão semelhante à de Aristóteles, reforçando a centralização das emoções em mulheres e crianças, Havelock Ellis (1929 *apud* LUTZ, 1988), citada por Nussbaum (1995, p. 21), escreve que “na casa das mulheres, ‘como na casa das crianças, os selvagens e os sujeitos nervosos’, as emoções dominam a razão.” Essa última autora também ressalta que “uma consequência suplementar da marginalização da emoção nos modelos de julgamento é ela ter contribuído para a marginalização de certas pessoas que são consideradas sujeitas às emoções: principalmente, as mulheres e diversas populações minoritárias ou estrangeiras.” Ainda segundo Nussbaum (1995, p. 22), para a tradição filosófica europeia e norte-americana, “as emoções são forças cegas e irracionais que não trariam qualquer contribuição para a razão nem para o julgamento.”

Em relação às emoções, em termos de valores socioculturais, Le Breton (2009, p. 114) corrobora a visão de Lima e Meyer ao dizer que tanto o senso comum como o pensamento científico percebem as emoções como opostas à racionalidade. Elas se assemelhariam à falta de autocontrole, um

fracasso, “uma fonte de perturbação dos processos intelectuais e comportamentais.” (LE BRETON, 2009, p. 115). As emoções poderiam ser entendidas como uma interpretação da realidade, dos valores e das normas sociais, pois seriam desencadeadas pelos dados culturais existentes dentro de um vínculo social e, além disso, perpassariam a vivência e a história do próprio sujeito. Para traduzir esse sentimento de pertença, “o indivíduo, quando é fortemente ligado à sociedade da qual faz parte, sente-se moralmente constricto a participar de suas tristezas e alegrias. Desinteressar-se equivaleria a romper os laços que o unem à coletividade.” (DURKHEIM, 1960 *apud* LE BRETON, 2009, p. 111). Reforçando esse caráter social das emoções, Nussbaum (1995, p. 26) afirma que “elas [as emoções] não são inatas, mas socialmente aprendidas, elas não são as pulsões cegas corporais, mas operações cognitivas complexas.” Elster (1995, p. 45), por sua vez, diz que “as emoções estão implicadas em todas as normas sociais [...]” Normas essas que regulam a expressão das emoções e, às vezes, as próprias emoções e, para que elas sejam sociais, o seu partilhamento com os outros é um requisito. Assim, temos que as emoções seriam aprendidas socialmente e resultariam da interpretação do próprio sujeito sobre a realidade; seu olhar acerca do mundo já teria sido construído a partir de determinadas representações sociais ao longo de sua história no meio em que se insere. Segundo a definição de Le Breton (2009, p. 120):

[...] As emoções são, portanto, emanções sociais ligadas a circunstâncias morais e à sensibilidade particular do indivíduo. Elas não são espontâneas, mas ritualmente organizadas. Reconhecidas em si e exibidas aos outros, elas mobilizam um vocabulário e discursos: elas provêm da comunicação social.

Sobre as manifestações corporais e afetivas de um membro da sociedade, Le Breton (2009,

p. 126-127) afirma que todas elas têm um significado específico que pode ser entendido por qualquer membro também pertencente a esse grupo social. Assim, para que um sentimento seja experimentado por um indivíduo, ele deve fazer parte do repertório cultural do seu grupo, não havendo, portanto, “naturalidade no gesto, na percepção, numa emoção ou em sua expressão. O corpo é parte integrante da simbologia social”.

Um saber afetivo difuso circula por intermédio das relações sociais e ensina aos atores as impressões e as atitudes que se impõe, de acordo com suas sensibilidades pessoais, nas diferentes vicissitudes que podem afetar suas histórias. As emoções são modos de afiliação a uma comunidade social, uma maneira de reconhecer e de poder se comunicar em conjunto (LE BRETON, 2009, p. 126).

A expressão das emoções, por se inscrever em um sistema simbólico, obedece às regras existentes em uma determinada comunidade; assim, a cultura afetiva poderia ser vista como um manual de instruções que sugere as respostas mais adequadas àquela circunstância social particular. “A comunidade social identifica, classifica e julga os estados afetivos de acordo com sua conformidade implícita aos comportamentos esperados em diferentes situações.” (LE BRETON, 2009, p. 145). O autor defende ainda que as sociedades caracterizam-se pela moderação dos sentimentos e que o controle das emoções se faz necessário para aquele que não deseja se expor e ser julgado por outros membros da comunidade. Ressalta, porém, que o comedimento excessivo “é desagradável e faz a pessoa correr o risco de ter uma reputação de insensibilidade, de indiferença, de frieza, etc.” (LE BRETON, 2009, 146). Assim, torna-se necessário que a expressão das emoções esteja em conformidade com as emoções partilhadas pelo grupo e, dessa maneira, possa sustentar a cultura afetiva e os valores coletivos atribuídos à determinada circunstância.

A causa das emoções, seus efeitos sobre o indivíduo ou sua modalidade de expressão não se concebem fora do sistema de significados e de valores que regem as interações no grupo. Cada cultura afetiva dispõe particularmente de seu vocabulário, de sua sintaxe, de suas expressões mímicas e gestuais, assim como de suas posturas e modalidades de deslocamento (LE BRETON, 2009, p. 152).

Portanto, temos que a emoção é regida por normas particulares de etiqueta que descrevem como devem ser as expressões das emoções, as atitudes e gestos a serem adotados. Assim, as funções afetivas e as emoções não podem ser percebidas como inatas ao indivíduo, pois, na verdade, elas são adquiridas, confirmando a fala de Nussbaum citada anteriormente. Qualquer criança, independentemente do lugar e tempo do nascimento, “está naturalmente propensa a interiorizar e a reproduzir, de acordo com sua própria personalidade, os traços particulares da cultura de qualquer sociedade humana.” (LE BRETON, 2009, 165). Esse pensamento pode ser ilustrado na criação diferenciada, por exemplo quanto às emoções, que é atribuída a homens e mulheres desde a infância, inibindo aos primeiros a expressão das paixões e permitindo às segundas a sua manifestação.

Por fim, de acordo com Elster (1995, p. 48-49), as emoções teriam um papel de destaque na vida, pois seriam elas que nos forneceria um sentido e uma orientação, entretanto, elas seriam dependentes das crenças, na medida em que precisariam da avaliação cognitiva das situações para poder conduzir o sujeito às ações. As relações entre as emoções e as ações não seriam diretas, elas poderiam depender dos desejos. Já as frustrações ou satisfações desses últimos provocariam emoções, que por sua vez criariam novos desejos. O autor complementa suas ideias argumentando em favor da não existência de uma racionalidade isenta de emoções e busca compreender, a partir dessas últimas, o que motivaria as ações humanas. Para chegar a tais esclarecimentos,

FIGUEIREDO, Allana Mátar de; AMOR DIVINO, Marcos Daniel do; FERREIRA, Tatiana Affonso. A dicotomia razão e emoção na obra *Por que os homens se casam com as mulheres poderosas?* Uma breve análise do tratamento dado às emoções femininas. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n.2, p. 15-28, mai. 2012.

Elster (1995, p. 34) propõe uma análise a partir da teoria da escolha racional, a qual indicaria para as pessoas o melhor meio possível para obter seus objetivos. Segundo tal teoria, as escolhas estariam vinculadas ao nível de informação reunido e ao mínimo esforço produzido para se alcançar os desejos do sujeito. As possibilidades levantadas por Elster (1995, p. 56-61) para que as emoções sejam racionais – proposta que concilia, de certa forma, a histórica dicotomia razão/emoção – seriam: entendê-las como as ações em si ou como o processo de coleta de informações, ou seja, como a busca de um menor gasto para serem alcançados os objetivos; serem apropriadas em termos do gênero e intensidade da situação desencadeada por elas mesmas; seu embasamento estar nas crenças racionais e nos desejos racionais; e, por fim, sua experimentação proporcionar alegria.

O infortúnio da mulher “emotiva”, à mercê do homem

Procedamos, agora, a uma breve análise de alguns trechos do livro *Por que os homens se casam com as mulheres poderosas? Um guia para solteiras ou casadas deixarem os homens a seus pés*, a fim de entendermos de que maneira as emoções femininas são tratadas pela autora Sherry Argov e como a obra se distancia ou aproxima das concepções teóricas apresentadas na seção anterior.

Logo de início, achamos relevante ressaltar como alguns dos comentários da crítica especializada americana, encontrados nas primeiras páginas da obra, já sugerem a problemática caracterização da figura feminina como “emotiva”, distanciada da razão, o que é representado, de forma caricatural, pelo “chororô” feminino – visto como uma manifestação passional a ser controlada, relacionada à dependência das mulheres:

[A obra de Sherry Argov é] Um manifesto contra o chororô, uma obra capaz de estimular as mulheres que se sentem capachos a desenvolver sua independência. – *Revista Playboy* (ARGOV, 2010, p. 6).

Em seguida, no capítulo introdutório da obra, Sherry Argov descreve detalhadamente os objetivos do livro⁶ e marca, claramente, segundo ela, seu diferencial dentre todas as obras de autoajuda femininas. De acordo com a autora, o livro desafiaria as convenções, o senso comum acerca dos relacionamentos e da postura feminina tipicamente esperada (ela chega a nomear um capítulo de “Jogue fora o manual”) – ruptura que não parece ser verificada no decorrer da obra. Ao lado disso, Argov já sugere o “descontrole” emotivo que, segundo ela, ronda a maioria das mulheres que deseja se casar:

[Esta obra] não é mais um daqueles livros sobre “como arrumar marido”. [...] Ao contrário. Este livro está aqui para desafiar as convenções, ampliar sua compreensão a respeito de por que alguns relacionamentos não progridem e propõe modernizar a maneira como você acha que um homem escolhe sua companheira. [...] Nos capítulos que você está prestes a ler, aprenderá a modificar sua abordagem. Vai compreender por que ele tem de ficar se perguntando por que você não age como se estivesse desesperada para se casar como todas as outras mulheres que conhece (ARGOV, 2010, p. 17-19).

Antes de analisarmos alguns trechos efetivos da obra, achamos pertinente também destacar a descrição de Sherry Argov acerca do “método científico” usado por ela para compor o material de seu livro:

O material dos meus livros advém menos da minha opinião e mais das informações que reuni em centenas de horas de entrevistas com homens que se sentaram e conversaram abertamente comigo. Eles me apresentaram sua perspectiva em relação às informações que em geral estão reservadas

⁶ Já citados anteriormente neste artigo (cf. Introdução).

apenas ao sexo masculino, a respeito do que realmente faz um homem se apaixonar e fazer um pedido de casamento. Para mim, a precisão é tão importante que cheguei a reler o material para os homens antes de o livro ser impresso, para garantir que o texto refletisse fielmente a maneira como se sentem (ARGOV, 2010, p. 20).

Nesse trecho citado, é importante que percebamos vários aspectos, não só relativos à suposta “metodologia científica” de Sherry como também ao estabelecimento de seu lugar de fala. A partir dessa citação e da leitura de todo o livro, percebemos que a autora busca trazer credibilidade, veracidade a seu discurso, atribuindo-o, em grande parte, à voz dos homens que entrevistou. Nesse sentido, a leitora teria, naquelas páginas escritas por Sherry, não o que ela, como uma mulher comum, pensaria dos homens, mas o que eles mesmos pensariam delas. No decorrer do livro, todavia, percebe-se que esse pretensão “método científico” de Argov parece bastante inconsistente: veja-se que ela, por exemplo, não detalha verdadeiramente, em momento algum, quais teriam sido as condições de recolhimento desses dados, mas apenas cita algumas falas soltas de homens, entre aspas. Sobre os entrevistados, unicamente diz que eles pertenciam “a todas as camadas sociais, todas as nacionalidades e todas as idades. Alguns eram casados; outros, solteiros.” (ARGOV, 2010, p. 204). Apesar de claramente falha, essa “metodologia” nos parece traduzir uma estratégia bastante perspicaz da autora: todas as vezes em que ela emitir opiniões em seu livro, por exemplo a respeito da postura “irracional” e “emotiva” das mulheres em contraposição à “racionalidade” e “controle” masculinos, reproduzindo o ideário do senso comum, o leitor pode ser levado a acreditar que Sherry simplesmente serve como porta-voz do pensamento masculino, mas não necessariamente atribui a ela a autoria daquele discurso. Por meio desse discurso pretensamente científico e distanciado, Sherry também acaba por construir para si uma

imagem mais confiável, já que a autora, aparentemente, não possui nenhuma formação acadêmica ou prática divulgada na área.⁷

Prossigamos, pois, finalmente, à breve análise de alguns trechos da obra. Esta possui 271 páginas, sendo que muitíssimas delas poderiam nos servir para detalhar como se dá o julgamento das emoções femininas por meio do discurso de Sherry, mas, por motivos de extensão, muitos recortes terão de ser efetuados aqui.

No início do capítulo 4, Sherry marca, mais uma vez, que reproduzirá não o seu próprio pensamento, mas o dos homens entrevistados por ela, os quais pretensamente representariam toda a comunidade masculina, segundo a autora. Sabemos, contudo, que essa estratégia acaba por reforçar, indiretamente, os imaginários do senso comum, presentes na fala da própria Argov, acerca da representação de “homens racionais” e “mulheres emotivas”, “irracionais”:

Se você fosse uma mosquinha escutando a conversa de um grupo de homens, não seria incomum ouvi-los debater como os homens são “racionais” e as mulheres são canhões sem controle emocional. [...] “Penso em um homem. Daí, tiro toda a razão e a responsabilidade por seus atos.” É assim que muitos homens enxergam as mulheres. [...] Quando uma mulher reage de maneira emocional, os homens conseguem três

⁷ Para a confecção deste artigo, realizou-se uma busca cuidadosa na internet e nas editoras em que os livros de Argov foram publicados a fim de descobrir algo mais acerca dessa autora. A única informação biográfica disponível, entretanto, é a que já é apresentada na orelha do livro: Sherry já escreveu textos para diversos jornais e revistas de prestígio em língua inglesa e publicou seus livros em mais de trinta idiomas. Mais que isso, entretanto, por ora, não foi possível saber sobre ela: qual sua formação ou com que trabalhava. Incrivelmente, o perfil da autora, inclusive em seu site pessoal (www.sherryargov.com), parece ser mantido em cuidadoso resguardo. Até mesmo os vídeos de programas em que ela aparece não destacam sua figura pessoal, mas o conteúdo de seus livros, o que parece proposital.

coisas: atenção, controle e sensação de importância. [...] No instante em que ele detecta emoções exacerbadas que considera desproporcionais à situação em que se encontram, você é logo classificada como uma mulher que não pode ser muito levada a sério. Se você bater os pés, esguichar lágrimas pela casa toda e começar a soltar berros tão estridentes que seriam capazes de paralisar um rinoceronte em ataque, *ele saberá que tem plenos poderes sobre você* (ARGOV, 2010, p. 120).

Nessa fala, de maneira claramente caricata, Sherry descreve o que seria uma mulher dita emotiva: ela é a descontrolada, que bate os pés, esguicha lágrimas e solta berros, o que acaba por reforçar a imagem pejorativa do indivíduo emocional, já visto como distanciado de um controle de si mesmo desde os autores clássicos. Além disso, já é anunciada, nesse trecho da obra, uma premissa que marcará inúmeras colocações da autora durante todo o livro: a mulher que “reage de maneira emocional”, independentemente da intensidade dessa “reação”, é vista de maneira inferiorizada na relação a dois. A mulher emotiva, nesse caso, faria com que o homem tivesse “plenos poderes” sobre ela, seria diminuída no jogo amoroso (ou, de maneira mais ampla, no jogo social), não seria respeitada ou ouvida, estaria à mercê de seu companheiro, pois não seria digna de ser levada a sério. Os trechos a seguir, do capítulo 5, também reforçam todas essas considerações.

Ouçõ os homens dizerem com frequência que todas as mulheres são loucas ou emocionalmente instáveis. Alguns até as dividem em categorias. De acordo com a visão deles, as mulheres variam de *levemente* irracionais a totalmente psicóticas. [...] Quando uma mulher consegue rir de si mesma, não leva tudo para o lado pessoal e controla as próprias emoções, ela parece mais “estável”, segura e confiável. Assim, o homem acha que há uma chance maior de tudo dar certo no relacionamento (ARGOV, 2010, p. 152-153).

Se as emoções estiverem no comando, você estará à mercê dele. É coisa de homem. Eles aprendem muito cedo que mostrar emoção demais significa fraqueza. Eles respeitam mulheres fortes. Então, é preciso controlar o quanto de emoção você vai mostrar. Portanto:

FÓRMULA PARA O FRACASSO:

Falta de controle emocional = Desespero para manter o relacionamento = Moleza para ele

FÓRMULA PARA O SUCESSO:

Autocontrole emocional = Controle sobre como ele a trata e controle sobre se você é respeitada. [...]

Quando uma mulher fica atraída cedo demais *por causa de suas emoções* ou mostra sinais de que não está no controle depois do sexo *por causa de suas emoções* ou espera um final feliz digno de contos de fada *por causa de suas emoções*, ela está se oferecendo numa bandeja de prata. Por outro lado: se ela for menos tolerante e mantiver a posse das faculdades mentais, vai chamar a atenção dele quando ele tentar “condicioná-la” a receber menos (ARGOV, 2010, p. 157-158).

Assim, a mulher “poderosa” que Sherry tenta promover seria “mais estável, segura e confiável” diante do olhar masculino, o que faria com que suas chances de ser pedida em casamento aumentassem consideravelmente. Nesse sentido, a mulher passional, vista como “instável, insegura e pouco confiável”, independentemente do contexto em que suas emoções fossem demonstradas, seria um indivíduo distanciado da razão (sem a “posse de suas faculdades mentais”) e até mesmo ruim, em que não se poderia confiar, trazendo ecos do discurso de Platão.

Sherry passa a postular, então, que a mulher “poderosa” só será respeitada e valorizada na relação conjugal (e o indicativo máximo dessa valorização é ser pedida em casamento) se proceder ao controle extremo de suas

emoções, chegando à defesa de uma postura quase estoica. Não obstante, até o silenciamento, em muitas ocasiões, de divergências conjugais seria o melhor caminho, postura exemplificada em vários episódios ditos reais (mas pouco verossímeis)⁸ narrados por Argov. A mulher que “se controla” teria o domínio sobre o coração masculino, porque é diferente de todas as outras mulheres. Em alguns momentos da obra, a impressão que Sherry Argov passa ao leitor é de que a mulher poderosa tem de “engolir a seco” suas insatisfações e sentimentos em prol da satisfação masculina, demonstrando-se quase impassível. Além disso, nesses momentos, Argov também menciona a construção social das emoções (mulheres são socialmente vistas como o sexo mais fraco, pois são frágeis e emotivas), já referida nos estudos de Le Breton e Nussbaum.

Os homens são criados para acreditar que as mulheres são o sexo mais fraco. Então, quando você se mostra disposta a defender seus princípios mesmo quando isso lhe é doloroso ou pode lhe custar algo, você se transforma na guerreira extrema. [...] É isso o que a maior parte dos homens procura em uma esposa. Esta é a garota dos sonhos dele, completa: uma mulher feminina que não se deixa dominar pelas emoções e pela insegurança. Há uma dignidade silenciosa em algumas mulheres. [...] Ela não berra. Não grita. A maneira como ela se valoriza e tem fé em si mesma sem fazer alarde é a verdadeira essência do que faz com que ela seja o que todo homem procura (ARGOV, 2010, p. 239-240).

Quanto mais controle você tiver sobre si mesma, mais domínio terá sobre o coração dele. [...] Adote a seguinte atitude: “Eu me recuso a andar por aí com os nervos à flor da pele. Já tomei minha decisão de ser ativa e positiva e não acredito no que outras

mulheres dizem a meu respeito.” (ARGOV, 2010, p. 220).

Outra abordagem presente na obra e destacável por seu extremo simplismo é a defesa de uma dita linguagem “racional” masculina, a ser usada pela mulher “poderosa”. Segundo Sherry, como os homens acreditam ser donos das opiniões e falas racionais de uma relação (ARGOV, 2010, p. 149), é preciso que as mulheres entrem em seu jogo e não somente *ajam* de maneira não-emocional, como também utilizem uma *linguagem* pretensamente “objetiva, fria e calculista” ao falar com eles. Dessa maneira, a mulher “poderosa” apagaria de sua fala qualquer marca passional e impressionaria o homem com um linguajar próximo ao dele, sem os ditos “descontroles” ou referências a sentimentos, mostrando que “tem cérebro” e conversa sobre “coisas importantes”. A manifestação de posturas ditas racionais e de uma linguagem pretensamente racional seria, para Argov, o suficiente para a mulher ser valorizada e respeitada pelo homem.

Para um homem, é totalmente inadequado agir de maneira emocional quando conversa sobre coisas importantes. Se você falar com calma, ele vai partir do princípio de que o assunto é muito mais importante. [...] Portanto, se você quiser que ele escute, terá de ser bem fria e calculista. [...] O lutador campeão não perde tempo com uma peso-leve agitada que dá golpes que não machucam nem um pouco (ARGOV, 2010, p. 137).

[...] os homens têm certa predisposição a achar que você só age de acordo com a emoção. E, quando você o surpreende com uma abordagem racional, ele pensa: “Esta aqui tem munição. Ela é das boas.” Muitas mulheres não percebem que, com frequência, mostrar que têm cérebro e pensar por si é a melhor maneira de conquistar a confiança e o respeito dele (ARGOV, 2010, p. 143).

Você conquistará a atenção imediata dele quando usar palavras desprovidas de

⁸ Infelizmente, devido a questões de extensão, não poderemos nos deter na citação e análise de alguns desses exemplos, mas é possível pontuar que muitos deles parecem “fabricados” para a utilização na obra, devido a seu caráter pouco crível.

emoção (algo para o qual ele está completamente despreparado): “Eu acredito...”, “Pelos meus cálculos...”, “Meu ponto de vista é...”, “Eu analiso a situação...”, “Falando objetivamente...”. [...] Em vez de: “Precisamos conversar sobre seus sentimentos”, diga: “Vamos analisar a situação de maneira *racional* e *lógica*.” Agora é você quem está segurando as rédeas e decide o rumo da relação. (ARGOV, 2010, p. 147-149).

Todavia, em certos momentos, Argov relativiza, ainda que de forma muito breve, a dicotomia mulheres emotivas x homens racionais, colocando o próprio indivíduo do sexo masculino como alguém passível de ser emotivo. Entretanto, isso aconteceria, grande parte das vezes, no momento em que os papéis fossem invertidos e ele passasse a se relacionar com uma mulher “poderosa”, segura de si e “controlada”. O controle dela levaria ao descontrole dele, pois ele se sentiria vulnerável e, de certa forma, inferiorizado ao se relacionar com essa mulher pretensamente tão segura de si, o que lhe traria preocupação. Porém tal abordagem relativista não chega a ser aprofundada, conforme mencionamos.

Muitos homens reduzem as mulheres a uma lista de pressupostos. Eles partem do princípio de que todas as mulheres são emotivas e de que serão capazes de manipulá-las por meio de suas emoções assim que conhecerem seus pontos fracos. Quando não conseguem isso, eles geralmente desmoronam e se transformam no elo vulnerável da relação (ARGOV, 2010, p. 142).

Por mais que pareçam não emotivos, os homens também são vulneráveis. Eles também podem ser esmagados como uma uva. O homem tem necessidade profunda de confirmação e, com frequência, não vai lhe avisar quando se sentir vulnerável. Se estiver chateado, vai dizer: “Ah, não tem problema”, embora, talvez, esteja chorando por dentro. Quando um homem realmente se preocupa com uma mulher, se sente vulnerável [...] (ARGOV, 2010, p. 224).

Nesta breve análise, o que procuramos mostrar é que Sherry, mesmo não atribuindo as falas destacadas a seu próprio juízo, mas sim ao pensamento masculino, acaba por reforçar a visão dicotômica histórica que separa razão x emoção e homens x mulheres e que, de forma geral, não problematiza ou questiona essa divisão. Isso acabaria por conferir às mulheres e às emoções um local marginalizado nas relações sociais, por ambas serem associadas à irracionalidade e ao descontrole. Tal visão seria confirmada, dessa forma, pela leitura da obra de autoajuda destinada ao próprio público feminino, a qual se pretenderia, em teoria, ruptora.

Considerações finais: a emoção como arma racional

A partir da leitura da obra de Sherry Argov e de sua reflexão comparativa com os pressupostos teóricos descritos anteriormente, é possível se pensar que o livro *Por que os homens se casam com as mulheres poderosas?*, apesar de se marcar, em suas primeiras páginas, como uma obra pretensamente inovadora em relação aos outros livros de autoajuda, acaba por enquadrar-se igualmente, sem rupturas aparentes, nesse ramo editorial. A impressão que Sherry tenta passar nas primeiras páginas, de que o livro seria um “manual” inovador e reflexivo sobre relacionamentos, não nos parece possível de ser aceita ao fim da leitura. A obra mostra-se extremamente previsível e homogeneizadora, pois constrói as figuras masculina e feminina de maneira superficial e próxima do senso comum, além de prescrever posturas e comportamentos extremamente rígidos e generalizantes à leitora que pretende seguir os “princípios de relacionamento da Sherry”⁹, características comuns a esse gênero de publicação.

⁹ Este, inclusive, é o nome do último capítulo da obra sob análise. Nesse capítulo, objetiva-se resumir os 75

Além disso, Argov, ao reforçar claramente a dicotomia homens racionais e mulheres irracionais, acaba não somente por ir na contramão de seu projeto editorial diferencial, como também parece querer induzir sua leitora a ser uma mulher mais uma vez submissa à visão de mundo falocêntrica e à dominação masculina, por meio do apagamento de seus traços emocionais *teoricamente* femininos, e não uma mulher efetivamente “poderosa”. A nosso ver, essa não seria uma postura de afirmação da mulher; pelo contrário, seria um comportamento de reforço à sociedade que enxerga o homem como parâmetro de racionalidade e controle – portanto, superior – e que insiste em enxergar razão e emoção como parâmetros excludentes e não conciliáveis. Dessa forma, para a autora, “controlar” as emoções e deixar que a razão “governe” o ser humano seria o melhor não somente para o indivíduo mulher como para suas relações sociais, ponto de vista que este artigo refuta.

O que se pretende defender, aqui, é obviamente o contrário do olhar apresentado por Argov: que razão e emoção não são, como se pensou por muitos séculos e ainda hoje, parâmetros contrários e, muito menos, a serem valorizados de maneira diferenciada. Nesse sentido, segue-se, neste artigo, o pensamento de pesquisadores contemporâneos – como o já citado Elster (1995) –, que pretendem reunir, em uma leitura única, razão e emoção. Dessa forma, estes não seriam componentes diferenciados, muito menos no caso feminino, o que nos obriga uma leitura divergente da feita por Sherry em sua obra.

Pensemos em um simples contraexemplo: será mesmo que uma mulher dita “poderosa”, ao utilizar artifícios ditos “emocionais” por Sherry, como chorar para convencer seu

parceiro a não terminar o relacionamento (e acabar tendo sucesso) não está sendo, ao mesmo tempo, racional? Não estaria ela conscientemente perseguindo seu objetivo de uma maneira apropriada ao momento, agindo de acordo com suas crenças e conhecimentos disponíveis, sabendo que daquela maneira convenceria seu parceiro? Não seria, nesse caso, de certa forma, a emoção um componente da razão?

Assim, concordamos com Elster (1995, p. 47), quando este diz que “Não é totalmente verdade que as emoções escapam ao nosso controle.” Elas realmente não parecem escapar dessa forma. Para uma mulher que utiliza as emoções a seu favor, a fim de perseguir um objetivo, inclusive em suas relações afetivas, as paixões acabam por se tornar, até mesmo, uma eficiente arma persuasória. Plantin (2010, p. 57), em seu texto *As razões das emoções*, defende que seria possível até mesmo se “argumentar emoções”, desde que o falante fundasse em razões, no plano da linguagem, um “dever experienciar” – postura que parece ser rechaçada por Sherry Argov em sua obra, já que a norte-americana defende o apagamento de boa parte dos enunciados de emoção da fala da mulher dita “poderosa”.

Por fim, é possível perceber que Sherry Argov não somente reduz a figura feminina a uma série de pressupostos rasos e ainda mais discriminatórios ao gênero, como também acaba por reforçar sobremaneira o caráter marginal das emoções, vistas como um componente oposto ao bom senso e à racionalidade, e dessa forma, oposto também à conquista do pleno “poder” por parte da mulher a quem a autora se refere.

Referências

ARGOV, Sherry. **Por que os homens se casam com as mulheres poderosas?** Um guia para solteiras ou casadas deixarem os homens a seus pés. 15.ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

princípios de relacionamento prescritos pela autora e apresentados durante o livro, todos eles a serem seguidos pela leitora que pretende se transformar em uma mulher “poderosa”.

FIGUEIREDO, Allana Mátar de; AMOR DIVINO, Marcos Daniel do; FERREIRA, Tatiana Affonso. A dicotomia razão e emoção na obra *Por que os homens se casam com as mulheres poderosas?* Uma breve análise do tratamento dado às emoções femininas. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n.2, p. 15-28, mai. 2012.

ELSTER, Jon. Racionalité, émotions et normes sociales. In: PAPERMAN, Patricia; RUWEN, Ogien. **La couleur des pensés**: sentiments, émotions, intentions. Paris: Editions de l'École des hautes études en sciences sociales, 1995.

LE BRETON, David. Antropologia das emoções 1. In: **As paixões ordinárias. Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LE BRETON, David. Antropologia das emoções 2. In: **As paixões ordinárias. Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LIMA, Helcira Maria Rodrigues de. **Na tessitura do Processo Penal**: a argumentação no Tribunal do Júri. 2006. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.

LIMA, Helcira Maria Rodrigues de. Patemização: emoções e linguagem. In: **As emoções no discurso**. (Orgs.). MACHADO, Ida Lúcia; MENDES, Emília; MENEZES, William. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. v. 1.

MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões. In: ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

NUSSBAUM, Martha. Les émotions comme jugements de valeur. PAPERMAN, Patricia; RUWEN, Ogien. **La couleur des pensés**: sentiments, émotions, intentions. Paris: Editions de l'École des hautes études en sciences sociales, 1995.

PLANTIN, Christian. As razões das emoções. Tradução de Emília Mendes. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Org.). **As emoções no discurso**. Vol.II. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 57-80.